

# IDÉIAS FUNDAMENTAIS SÔBRE A TROPA DO FUTURO

Tenente-Coronel F.O. MIKSCHÉ

Tradução do n. 6 de 1956 da Revista "Wehrkunde"  
(Alemanha Ocidental)

O desenvolvimento de tôdas as espécies de armas atômicas dos mais diferentes calibres, faz surgir o problema de uma nova Era de guerra. Não é de admirar a pergunta que a cada passo nos surge, — e que está a ser estudada constantemente : — Como será equipada a tropa de amanhã? Como será abastecida? Não é fácil dar a resposta exata, e qualquer tentativa nesse sentido, que não seja apoiada por bases sólidas e idéias claras, será infrutifera.

Estamos a admitir naturalmente que em qualquer futuro desacordo se faça emprêgo de armas atômicas. A sua utilidade pode porém ser muito variada, e não é nada natural, antes pelo contrário é pouco provável, que um conflito comece por um ataque atômico ou se torne uma guerra atômica. A circunstância de tôdas as grandes potências disporem dessas armas torna o seu emprêgo perigoso (de dois gumes). Também há a considerar motivos políticos.

Para podermos ordenar os pensamentos, vamos primeiramente concretizar para que espécies de guerra devem estar preparados os exércitos do futuro. Sem a experiência, que só uma guerra nos poderia dar, é-nos possível esboçar a resposta a esta pergunta. Porém, mesmo esta petição esquemática do problema, não deixa de ser importante, porque à medida que novos acontecimentos se forem dando mais nos aproximaremos da solução do problema.

Básicamente podemos incluir a Guerra do Futuro numa das seguintes formas :

## CASO A

Emprêgo conjunto de tôdas as armas existentes contra o interior do País e na frente, finalmente, entrada em ação de armas táticas atômicas para proteção das tropas tradicionais.

## CASO B

Uma guerra na qual a introdução de armas atômicas se limita ao campo de batalha.

## CASO C

Guerra, na qual só o material tradicional entra em ação, aproximadamente como no fim da última guerra.

## CASO D

Escaramuças, levantamentos ou guerras locais, que principalmente "no centro" da Europa poderão vir a representar um papel importante no futuro.

\* \*

Dêstes quatro casos fundamentais de guerra poder-se-iam evidentemente tirar uma série de variantes. Conseguir concretizar cada um dêstes seria já mais difícil. Segundo nos ensina a história as inimizades nascem a maior parte das vêzes devido a condições complexas, e em circunstâncias tais que a introdução de qualquer das formas de armas

atómicas não conseguiriam resolver. Talvez se procure evitar aumentar as inimizades existentes ainda mais, dirigindo os acontecimentos por tal forma que só muito dificilmente se poderia voltar atrás.

A forma das primeiras guerras teve sem dúvida uma influência preponderante no desenvolvimento da arte da guerra, e hoje ninguém poderá adivinhar como essa ação se irá exercer.

Armas atômicas não serão possivelmente usadas logo de início, ou intensamente introduzidas, mas gradualmente e segundo as exigências do conflito, ou talvez mesmo só em fases decisivas ou em alturas desesperadas, "última ratio".

Principalmente combates que se travem no próprio solo pátrio ou que se destinam a responder a ataques contra a Pátria, porém devemos pensar duas vezes antes de usarmos um meio, que se bem que momentaneamente nos resolva a situação no campo de batalha, nos poderá trazer para o futuro problemas imprevisíveis.

Este estado de coisas é o que provoca o problema da Rússia Soviética, que não permite um embate direto com grandes potências, mas procura criar interesses diversos e campos de batalha variados e distantes. Isto prova-o não só a guerra da Coreia mas também a da Indochina e do Norte de África, e talvez amanhã a do Médio Oriente. Tudo se passa em volta de uma estratégica a "pequenos passos", e de tal forma que considerados êsses núcleos individualmente não se explicaria o emprego de armas atômicas, por um lado por motivos políticos, por outro lado porque isso não traria vantagens.

O decisivo na formação d'esses elos não é já a característica clássica aniquilação das tropas inimigas no combate, para abrir caminho a negociações diplomáticas, mas trata-se de enredar o inimigo em pequenas guerras das quais possamos tirar algum proveito. O que procuramos é atingir o inimigo economicamente, obrigando-o a grandes despesas, que estão ligadas à orientação de pequenas guerras, enquan-

to que uma potência discretamente lhes dá a ajuda; além da propaganda essa proteção é a mais econômica possível (fornecendo-lhes muitas vezes armas já antiquadas). Por outro lado, deve, por intermédio dessas guerras, ser afastado o adversário das suas fontes de matérias-primas e colônias, para seguidamente se conseguir a batalha decisiva, contra essa potência empobrecida pela inflação e assim inferiorizada, no campo diplomático.

Para exemplificar o que anteriormente foi enunciado, pode-se expor o seguinte: Com o dinheiro que foi absorvido na Coreia e Indochina, poderiam os Estados Unidos da América, tal como a França, ter equipado os seus exércitos com os mais modernos meios de defesa. Se dividirmos a soma que se torna necessária para a manutenção e proteção da Malásia, pelos inofensivos guerrilheiros, custaria ao governo britânico por cada partidário aproximadamente 12.240 Marcos Alemães. Na Argélia são em média necessários 300.000 homens, para inutilizar 100 terroristas. Aviões procuram pequenos bandos de "Fellaghas", o que se torna um desporto excepcionalmente caro. A perda das colônias do Norte da África corresponderá para a França a um prejuízo de 700 milhares de francos de impostos e terá como consequência o desemprego que calculamos ser de 3 a 4 milhões de pessoas. A perda das fontes de óleo do Médio Oriente pela Grã-Bretanha significaria na Inglaterra perda de emprego para aproximadamente 5 milhões de pessoas.

Que através disto, direta ou indiretamente, todos os países europeus sem exceção fôssem prejudicados parece-me fora de qualquer discussão.

O envolvimento do nosso continente pelo Sul, em ligação com uma pressão política da parte da cortina de ferro, poderia ser fatal à Europa, sem que para isso fôsse necessário o uso de uma única bomba atômica.

A tais pequenas guerras, coordenadas econômica, política e militarmente, quase poderemos chamar a continuação da diplomacia com em-

prêgo de outros meios. Também esta separação da noção guerra política que Clausewitz diferenciou, nos aparece agora como um todo de um mesmo conjunto de noções.

Podemos viver em paz com qualquer potência estando no entanto praticamente em guerra com ela.

Nos atuais elos formados, a situação das potências ocidentais é especialmente difícil. Por um lado cruzam-se os seus variados e momentâneos interesses nos domínios de além-mar, o que destrói tôdas as tentativas de resolver os problemas sem sair do meio ambiente. Há a acrescentar inibições de ordem ideológica. Parece ser muitas vêzes esquecido que segundo a ideologia comunista devem ser ajudadas as revoltas das colônias ou "semi-colônias", mesmo as que são puramente nacionalistas, isto porque o nacionalismo é um degrau, segundo eles, para o comunismo. Os acontecimentos que até aqui se deram parecem justificar a realidade desta tese. Não menos desvantajoso é o fato de o Ocidente não possuir nenhuma ideologia oposta que tivesse a possibilidade de neutralizar o comunismo ou o ódio do mundo de côr, visto que ambos têm o mesmo caráter religioso.

Contrabalançar êsses defeitos com uma ajuda econômica desinteressada é quase impossível em virtude da enorme envergadura das necessidades a prever. De resto politicamente seria êste método um tanto ou quanto dúbio, visto que os que dão dinheiro acabam em geral por ser odiados. A ajuda com material de guerra levou-nos a algumas surpresas. Tanto assim que na Coréia e Indochina o material de guerra americano não teve importância menor no lado oposto, e outros casos serão de prever apesar da experiência adquirida.

A hipótese de tôdas estas pequenas guerras do nosso tempo acabarem por conduzir a uma espécie principal de guerra é óbvia, precisamente para evitar o perigo de um recontro com armas atômicas. Ricas oportunidades de desencadear êsses processos apresentam-se aos nossos inimigos no sul-oeste da Ásia,

o reino do zinco, cromo, níquel e cádmio, assim como no médio oriente com os seus ricos jazigos de óleo. Esta situação do Mundo tem de ser naturalmente incluída no estudo das tropas do futuro. Essas têm de ser preparadas dentro de idéias preconcebidas. Seria uma asneira organizar tropas sem contar com o possível desenvolvimento político, assim como seria um êrro exercer ações políticas sem entrar em linha de conta com os problemas estratégicos. Não se podem separar as duas esferas, Política e Estratégica. De há muito são as tropas no combate o instrumento de determinada política, e por isso seria impossível a construção de uma tropa com abstração de perguntas políticas. Na Europa é de há muito evidente a necessidade de um escudo de defesa da cortina de ferro. Esse seria porém desnecessário sem a colaboração de tropas organizadas para defenderem a civilização branca, evitando o desaparecimento dos interesses de além-mar. E ambos os trabalhos necessitam associações de espécie muito diferente.

Depois desta introdução vamos discutir isoladamente os quatro casos.

## GUERRA ATÔMICA TOTAL (CASO A)

Entrada em ação de tôda a espécie de armas atômicas contra as regiões interiores e da frente. Parece-nos ser a hipótese menos provável da futura guerra. Porém, é necessário contarmos com ela e seria laborar num êrro não a considerar na preparação da futura tropa.

Mesmo a mais enérgica ofensiva atômica não chegaria para apagar a possibilidade de contra-ataque inimigo, que reagiria quase imediatamente. Isto resultaria numa destruição total de ambos os lados, na qual cidades de estrutura centralizada seriam as que mais sofreriam por serem infinitamente mais sensíveis. Um tal massacre nunca poderá ser a base de uma guerra organizada; seria a negação de tôda ou qualquer idéia de Estratégia, duma Estratégia que pelo menos

sirva para resolver os problemas que são o motivo de antagonismos.

No caso de uma guerra atômica total seriam decisivas as grandes bombas, cuja ação reduziria ao silêncio a vida das cidades inimigas. Numa situação destas a luta da frente teria um papel de segunda ordem. Segue-se por isso teoricamente que essa guerra teria de ser feita por pequeno número de tropas com grande mobilidade; dava-se assim a transferência dos pesados para as forças do ar com a cooperação da defesa e contra-ataque aéreo.

Isto é duma maneira geral a concepção da oposição ocidental. Dúvidas da sua veracidade só à margem se devem expor. Além do perigo de total destruição, as perguntas que podem surgir são :

a) A introdução de armas atômicas por parte dos dois contendores poderia trazer uma total paralização aos campos operacionais que tornasse impossível o avanço das forças móveis no terreno ?

b) Não traria a destruição consigo uma tal desmoralização, que as tropas começassem uma série de guerras locais ?

c) Será possível uma decisão se se não ocupar o terreno inimigo com tropas suficientes ?

Seja como fôr — se o interior se tornar um campo de batalha tal como a frente, torna-se aí extensiva e indispensável uma organização prática — uma organização que só se poderá tornar útil, e talvez mesmo só seja útil se dispuser de meios suficientes, que forem progressivamente introduzidos. Vimos que a experiência da última guerra nos mostrou que não só na Alemanha como na Inglaterra, os problemas criados pelos grandes ataques aéreos não são satisfatoriamente resolvidos pelo corpo de voluntários, cuja competência sofre várias influências e que não foram equipados convenientemente. No caso de uma guerra atômica estes seriam insuficientes.

O grande número e a diversidade dos trabalhos, assim como a sua di-

ficuldade só por meio de um conjunto organizado poderiam ser levados a cabo, sendo este conjunto equipado semelhantemente a uma tropa e como tal orientado. Entre outros teríamos de considerar :

- a) Reforçar a defesa aérea ;
- b) Comandos de salvação, ordenação e organização contra incêndios ;
- c) Evacuação da população e seu tratamento. Serviços sanitários ;
- d) Transferir o local de certas indústrias para outros sítios ;
- e) Pôr em funcionamento o mais rápido possível : As estações de T. S. F., T. P. F., fábricas, etc. ;
- f) Absorver gases radioativos dos vários terrenos e serviços de dinamitação ;
- g) Fortalecer os diversos serviços de Ordem, etc., etc.

Que para a consumação de tais serviços seja necessária uma disciplina tão enérgica como nas operações militares, é evidente. Vamos agora procurar provar até que ponto são indispensáveis para o futuro as unidades de Infantaria. O que se torna fundamental é o problema que se põe se as tropas do futuro ou, pelo menos, uma parte das mesmas não deverá ser mobilizada admitindo duas possibilidades — uma a da luta na frente, a outra, a dos trabalhos enumerados, no interior do país. No último caso as ordens para a Divisão não seriam de ataque nem de defesa, mas de ordenação, evacuação, extinção de fogos, etc. No lugar das armas ligeiras apareceriam pás e picaretas, em vez de carros blindados os "bulldozer". A totalidade das construções urbanas deveria ser subdividida em zonas de defesa aérea, dentro das quais todos os serviços e tropas teriam uma determinada tarefa. Grupos de intervenção, assim como reservas, dever-se-ão situar nos pontos prováveis de ataques aéreos prontos para entrar em ação. Estes ligeiros esbôços merecem sem dúvida que lhe acrescentem algumas considerações, porque poderia dessas depender a vida de alguns milhões de pessoas.

## ACÇÃO DE ARMAMENTO ATÔMICO SÓ NA FRENTE DE BATALHA (CASO B)

Se admitirmos armas atômicas só na frente de batalha põe-se o problema, se a sua mobilização seria total logo de início, ou gradual em potência crescente — o que possivelmente nos traria um desenvolvimento parecido com as reações em cadeia, da qual adviesse uma guerra atômica total. Este perigo parece inevitável, visto que se torna difícil estabelecer uma linha divisionária exata entre a utilização operacional e tática das armas atômicas. O que poderia estabelecer uma divisão entre estas duas utilizações, seria por um lado o calibre dos foguetes de grande alcance utilizados, por outro lado a profundidade de tiro útil a partir da frente.

Podemos considerar como certo que os pequenos disparos 20 KT sejam mais do que suficientes para conseguir os efeitos que necessitamos no campo de batalha. Mais complicado é o problema do ataque em profundidade. O desenlace da luta entre as tropas depende dos acontecimentos da batalha aérea. A isso pertence evidentemente a tentativa de destruir as esquadrilhas inimigas com bombas atômicas se possível nos seus pontos de apoio, que se situam aproximadamente a uma profundidade de 500 Km ou mais da frente de combate. Se os dirigentes da guerra só temporariamente, no princípio ou mais tarde, no total, ou só em determinados teatros de luta, farão uso de armas atômicas: tudo isso são perguntas que têm uma determinada influência no problema do apetrechamento, equipamento e treino, na mobilização e orientação das futuras tropas. Como se sabe, as formas da guerra dependem e resolvem-se em função de uma ação recíproca entre o potencial de fogo e possibilidade de mobilidade. O aumento do poder de fogo pode não ser somente a libertação para o caminho do ataque, mas também facilitar a sua obstrução. Na altura em que o potencial inimigo paralisa, congelam as lutas

da frente: As razões disso são as seguintes:

a) Defesa é um meio de combate que se apoia mais no fogo do que na mobilidade, enquanto que ataque é principalmente baseado na mobilidade apoiada pelo fogo;

b) Durante a centralização do fogo, mesmo de pontos muito afastados, a aglomeração das forças é inevitável. Por isso pode também, numa guerra atômica, ser mais simples a sua resolução na defesa, do que no ataque;

c) A defesa, mais do que o atacante que se tem de movimentar a descoberto no terreno, tem possibilidade de se opôr por meio de abrigos no terreno e ataques de surpresa ao inimigo;

d) A defesa vive em regra de meios que se encontram no lugar onde se realiza, enquanto que o atacante tem de transportar o seu material.

A repetição dêste lugar comum não é desafetada de sentido, porque se a ação do fogo se mostrasse mais forte que as possibilidades de mobilidade, então seria inevitável a guerra de posição, e então essa guerra teria necessidades muito diversas em relação ao equipamento e armamento do que as previstas por planos diferentes dêsse.

Fundamentalmente existem duas possibilidades de se fugir à catástrofe das armas atômicas. A primeira constitui na atuação rápida — em permanente movimento.

Lembro, no entanto, perguntar se no solo, apesar de toda a mecanização, se pode evoluir suficientemente rápido, para conseguir evitar os incomparavelmente mais rápidos aviões que transportam as bombas atômicas. Paralelamente podemos ainda pôr uma outra hipótese. Esta não se baseia tanto na velocidade operacional mas mais nomeadamente na movimentação a pé, o que nos permite uma maior arrumação da formação, podendo usar mais facilmente os disfarces e a defesa por meio dos abrigos, o que pode ter um papel importante sempre que seja possível. No primeiro método os pilares da luta são as unidades mecanizadas, serão no segundo mé-

todo uma Infantaria operando através dos campos. Parece que seriam, num campo de batalha dominados pelas armas atômicas, ambos os métodos utilizáveis apesar das suas dissimelhanças, visto que se completam.

Compreende-se que a utilização de armas atômicas nas unidades faz surgir problemas. O próprio interesse pela experiência que possa surgir deve ter as suas fronteiras de bom senso que se não devem ultrapassar, isto porque sem a devida base de concentração não se pode conseguir uma ofensiva, a indispensável força para o combate, nem a necessária coesão. Tropas excessivamente mecanizadas serão facilmente vítimas de tropas de choque de Infantaria. E se as tropas mecanizadas se condensassem mais, para se defender desse gênero de ataque, então tornar-se-iam alvos mais fáceis às armas atômicas.

Do que se disse deve concluir-se, que mesmo numa guerra atômica desta espécie não seria dispensável uma Infantaria suficientemente forte.

É difícil de compreender a lógica, daqueles que acham habilidosa a tática de armas atômicas que constitui em conseguir condensar as formações inimigas e querem a par disso operar dispersados. Esta forma de orientar a guerra necessita no espaço e no tempo de um elemento, sem o qual não se pode realizar, e este elemento tal como antes, deveria ser uma Infantaria de equipamentos aligeirados. As suas atribuições são, resumidamente, as que enunciamos:

#### 1) Na defesa:

a) A formação de uma frente cerrada, para que o atacante na tentativa de perfuração localize aí as suas forças;

b) No caso de perfuração, conseguir condensar as forças atacantes por ataques de forças de embate para os destroçar com as armas atômicas.

#### 2) No ataque:

a) Encher os espaços existentes entre as forças mecanizadas, ser-

vindo por assim dizer de "substância colante", para as proteger das forças de choque inimigas e assim evitar que se concentrem;

b) Limpar o terreno conquistado, para se precaverem contra ataques ou infiltrações inimigas.

E o que vem a dar no mesmo, seriam funções dessa Infantaria, conseguir concentrar o inimigo, evitando a concentração das suas próprias forças mecanizadas. Sem um elemento de ligação seria impossível a atuação das tropas mecanizadas.

As tropas de Infantaria que se destinam a essas funções podem ser não só facilmente estruturadas como também o seu equipamento é relativamente simples, o que também facilita o seu problema de abastecimento.

Como armamento usariam principalmente armas ligeiras, defesa anticarro, granadas e alguns destacamentos de artilharia de campanha.

Importante, é em contrapartida uma instrução cuidada, principalmente em tropa de choque contra motorizados que deverá substituir a falta de material pesado. Grande capacidade de marcha, em esquemas diferentes se bem que não perdendo a coesão: possibilidade de camuflagem e desaparecimento rápido, tudo isto são trunfos imprescindíveis para o triunfo. Além disto é necessário notar que entre estas diversas funções que caberiam a uma Infantaria, duas estariam em desacordo. Uma tropa destinada a uma defesa local tem necessidades diferentes do que uma destinada a atuar em pequenas guerras. Não nos parece, porém, mal a adoção da média.

Uma das perguntas mais difíceis que nos surge é a do futuro das armas dos carros blindados. Porque precisamente numa guerra atômica poderia suceder facilmente que uma tropa que necessita de tantas rodas, precisamente por isso, só dificilmente se desloque do local.

Isto significa, por outras palavras, que não só as teorias táticas de entrada em ação têm importância na organização de um futuro exército, mas também a economia do material e sua reforma. As Divisões de carros blindados contam 17.291 homens

e 3.912 locomóveis de diversas espécies, uma massa que quase se não pode conseguir fazer deslocar sob fogo atômico.

Nesse número, porém, só metade são de fato tropas de combate, sendo a outra metade preenchida pelos diversos serviços, que estão orgânicamente ligados à Divisão. Na zona de operações tem de estacionar 25.000 homens com serviços, e só assim podemos sustentar e orientar uma Divisão na frente. Que com tropas assim formadas se não possa tomar parte numa guerra atômica é evidente. Parece-nos assim mais evidente o emprêgo de Brigadas de carros blindados ligeiros do que Divisões. É necessário, porém, notar que se empregarmos Brigadas separadas e equipadas a percentagem dos serviços é ainda maior.

Naturalmente, as pequenas unidades possuem mais mobilidade e são mais simples de conduzir. Mas apesar de tudo — se tivermos tropas mecanizadas em massas compactas, quer dizer, de pontos densos, ou as separarmos, perdendo assim parte da sua força de embate — as suas grandes necessidades de material continuam a ser as mesmas. Acrescente-se ainda que é incomparavelmente mais simples orientar as unidades de combate que os serviços pesados que as têm de seguir. Resumindo numa frase — a dependência das tropas mecanizadas dos serviços complicados e por isso susceptíveis de serem destruídos são, sem dúvida alguma, o calcanhar de Aquiles de uma guerra tômica.

Pode-se dizer que um campo de batalha onde se empregam armas atômicas não pode ser, nem de longe, dominado por máquinas. Pelo contrário — pode ser muito simples que debaixo das condições pesadíssimas das batalhas atômicas, o simples é facilmente orientável e móvel. Material bélico se torne aquele em que mais se possa confiar, sendo o triunfo ainda mais dependente dos Lancers separados do que antes.

Tropas mecanizadas em pequenas unidades vão-se tornar indispensáveis, terão de atuar, porém, com intervenção da Infantaria. De resto, seria um erro querer reunir as ar-

mas rápidas com as lentas. As duas espécies diferentes de locomoção tem de ter uma ação recíproca, na qual as tropas mecanizadas representam a força de embate, e a Infantaria, entre elas, será o elemento de ligação e de preenchimento.

#### GUERRA SÓ COM O MATERIAL TRADICIONAL (CASO C)

Por causas que já expussemos no início, é de crer, que dos dois lados se faça uso, no princípio, ou nunca ou só em alguns teatros da luta, do ataque atômico. Neste caso os adversários degladiar-se-iam com as mesmas armas que já conhecemos da guerra anterior. E, apesar disso, parece-nos evidente que a situação não seria a mesma e conseqüentemente também as formas de combate deveriam ser outras. A guerra mecanizada ou guerra relâmpago precisa, para ser bem sucedida, de uma supremacia aérea adjacente. Só quando fôr satisfeita esta condição, se podem preencher as grandes necessidades de material. O que acontece, porém, quando nos vemos diante de um inimigo que possui uma forte força aérea? Seria também, então, possível uma guerra relâmpago? Quanto mais equilibradas são as armas aéreas, tanto mais difícil se tornará a luta pela supremacia aérea.

Em exercícios de tempo de Paz, a palavra supremacia aérea é empregada com demasiada facilidade. Torna-se também convencional dizer-se isso, depois de uma grande parte dos aviões inimigos serem destruídos no solo. O que sucederá, porém, se o inimigo responder imediatamente com a destruição sistemática das nossas bases aéreas? Evidentemente que a iniciativa do ataque tem um papel muito importante. Apesar disso, porém, torna-se quase impossível evitar que o inimigo responda com força suficiente, para destruir no lado oposto uma grande parte dos aviões no solo.

Supremacia aérea absoluta significaria ter-se o céu do adversário absolutamente livre, para tódas as evoluções, e o nosso herméticamente

fechado. Teoricamente essa situação só é possível se o inimigo não possuir avião nenhum. Em todo e qualquer caso possuem as palavras supremacia aérea um significado muito relativo. Lutas aéreas parecem-se com um pêndulo suspenso sobre o território da luta. Aquêles que possuem maior número ou melhores aviões, tem evidentemente mais oportunidades de voar maior número de vezes sobre o território inimigo, sem desguarnecer o seu céu. Assim, alguns ataques ao material pesado inimigo chegam para o destruir completamente. Daqui resulta que tanto mais equilibradas são as forças do ar, tanto mais difíceis serão os movimentos da tropa no terreno. Situações tais como na Normandia em que 10.000 aviões aliados defrontaram só 270 aviões alemães, não se repetirão decerto. Pensemos só se seria possível a sua ocupação se possuíssem, unicamente, 3.000 aviões à disposição.

Acrescente-se, que desde o fim da guerra tanto os aparelhos de pontaria dos aviões assim como acção do seu armamento, especialmente dos foguetes, se desenvolveram extraordinariamente. Destas considerações segue-se, que também o aproveitamento de tropas nos caminhos aéreos — ou em quaisquer operações aéreas — no caso de um forte inimigo aéreo já se não poderão fazer tão facilmente. De resto, podemos dificilmente imaginar que a falta de abastecimento, sem contar com exceções — se possa realizar nos próprios caminhos aéreos. O caso complica-se, mais ainda, se considerarmos que hoje em dia o radar localiza movimentos à distância de 600 km, o que permite aos caças de grande mobilidade atingir os pesados aviões de transporte, antes da sua chegada ao alvo.

No que diz respeito à luta do terreno temos de considerar especialmente a defesa de carros blindados. Os leves e facilmente montáveis e transportáveis materiais anti-carro, permitem hoje munir as pequenas formações de Infantaria com armas eficazes. Isto é uma razão mais, que prova não poderem os movimentos de tropas mecanizadas ser os

mesmos que nas guerras anteriores, mesmo quando se não empregarem armas atômicas. Como se vê, mesmo neste caso, teriam as batalhas aspecto muito diverso das já passadas.

### INSURREIÇÕES OU GUERRAS LOCAIS (CASO D)

O que se disse, até agora, refere-se principalmente ao teatro de guerra europeu. Enquanto esperamos aqui o adversário pela porta principal da cortina de ferro, parece, pelo menos, pelo que vai acontecendo pelo Mundo, que a intenção inimiga é de se infiltrar pela porta das traseiras. Por isso é conveniente as potências possuidoras de domínios além-mar irem-se preparando para quaisquer futuras intervenções. Os equipamentos e requisitos de instrução variam naturalmente com a diferente localização desses conflitos, isto não significa que não possam abarcar problemas idênticos na Europa.

Em princípio pode esta forma de guerra dividir-se em duas:

1 — Pequenas guerras com o carácter de insurreição, não possuindo o inimigo tropas regulares.

2 — Guerras com pequenos Estados, que possuem forças de combate com equipamento mais ou menos moderno.

Poder-se-ia, porém, dizer ser esta divisão demasiadamente concisa para poder ser verdadeira. Um começo de insurreição pode, com o tempo, depois de alguns sucessos e no caso de auxílio estrangeiro, transformar-se numa guerra quase regular, na qual os métodos de guerrilhas alternam com operações regulares, ou atuam com êles conjuntamente. Este foi o caso da Indochina. Da mesma forma pode suceder, que em guerras dirigidas contra pequenos Estados, os dois métodos, guerrilhas e táticas regulares, atuem logo de princípio a par, e que, eventualmente, a serem destruídas as tropas regulares do inimigo, continue a guerra por guerrilhas.

1 — *A luta contra insurreições :*

No Norte da África estamos presentemente na fase de insurreições. Que características têm estas lutas? Para triunfarmos das pequenas guerras somos obrigados a conservar ocupados todos os pontos importantes permanentemente, enquanto que ao mesmo tempo são sistematicamente limpos os terrenos infestados pela insurreição. Estas duas funções requerem um considerável potencial de homens. Tropas mecanizadas têm um papel secundário, devido às dificuldades do terreno. Os comandos de assalto, não deixam de ter valor pela sua grande mobilidade, principalmente para vigiar estradas e outros caminhos de ligação. Além disso há os helicópteros que são mais eficientes. Porém, a maior parte das vezes chegam tarde demais.

Material pesado, com exceção de alguns blindados ligeiros, são na maior parte das vezes desnecessários, sobrecarregando as tropas. A Artilharia atua quando muito por baterias separadas e por fogo direto, visto que o adversário não dispõe de peças. Reconhecimento aéreo, seja com aviões ou helicópteros, têm um papel importantíssimo nestas batalhas, porém o ataque direto de aviões ao terreno é em contrapartida dispendioso, quando se pretendem resultados positivos.

As guerrilhas operam, a maior parte das vezes, só em terreno dificilmente localizável, e, geralmente, nas direções de menor oposição, isto quer dizer nas áreas não ocupadas. Qualquer outra tática levá-las a defrontar um adversário muito melhor equipado e orientado. Assim, os destacamentos móveis, das tropas regulares, só podem conseguir uma posição favorável para a dessiminação das guerrilhas, quando os grupos a pé ou destacamentos de cavalaria independentes conseguem encurralar os adversários, onde os terão até à chegada dos comandos de assalto.

Tais situações só muito raramente se dão, porque por um lado o inimigo possui todos os meios de evitar batalhas maiores, e por outro

lado na maior parte das vezes as tropas, operando a pé ou a cavalo, são suficientes para o disseminar. Aqui o papel das reservas é diferente daquele das tropas regulares — o seu papel é o dos comandos de assalto. Não interessa sequer mencionar as formações de pontos difíceis. Apesar disso, uma boa limpeza do terreno é indispensável para se poder exercer uma ação filtrante suficiente.

A grande vantagem das guerrilhas é o conhecimento perfeito do terreno e a ajuda da população. Quanto mais forem afastados do seu meio ambiente, tanto mais difícil se tornará a sua posição, precisamente por já aí não conhecerem nem o terreno, nem o povo. Por isso as rebeliões ligam-se, a maior parte das vezes, com o local em que nasceram.

Na generalidade as lutas são curtas e têm antes um caráter de escaramuças. Poucas vezes se põe o problema duma ação conjunta das diferentes armas, com exceção das observações aéreas. As agressões aéreas só se dão durante as citadas pesquisas. As unidades necessárias para determinada operação variam conforme os terrenos, fins em vista e situação. Nesta guerra a Companhia reforçada será base da coesão. Uma organização permanente a que pertençam 3 ou 4 Companhias em Batalhões ou unidades maiores, tem atualmente um sentido exclusivamente administrativo, só raramente um sentido tático. Uma arte relativamente simples de luta facilita e permite que um só comando se exerça sobre 6 ou 10 Companhias, o que por um lado facilita o Comando e por outro torna os serviços mais económicos.

Fundamentalmente conhecem-se duas formas, para combater as rebeliões, que se completam :

1. A defesa local de todos os pontos importantes e observação dos terrenos entre eles compreendidos, assim como a proteção dos caminhos por patrulhas (contra-guerrilhas). Comandos motorizados ou a cavalo atacam a pedido. Este método é atualmente empregado no Norte de África, chamado "Quadrilhagem".

2. A limpeza sistemática do terreno infestado — uma espécie de “caça em círculo” — por Cavalaria ou Infantaria disseminadas, atrás das quais estão prontos a entrar em ação pequenas unidades motorizadas para atacar com armas pesadas e lança-granadas as linhas que se opuserem à primeira frente, o que aliás só muito raramente sucede. (No Norte de África chama-se a isto “Ratissage”).

Em ambos os casos as unidades atuam em campos de ação muito superiores aos que normalmente abrangem.

Em “Quadrilhagem” as Companhias de um Batalhão podem distar umas das outras 10 km. Na “Ratissage” frente de combate de uma Companhia pode-se estender a 3 km, enquanto que um Batalhão opera numa frente igual à normalmente ocupada por uma Divisão.

Segue-se que, em pequenas guerras, tem de se contar com muito maiores distâncias do que em mobilizações normais e por isso com outros aparelhos de transmissão.

No que diz respeito a abastecimento: visto o adversário não possuir nem defesa aérea nem aviões, pode grande parte das necessidades ser satisfeita por via aérea. Isto é tanto mais simples se considerarmos que, devido ao pequeno tempo de luta, é muitas vezes o abastecimento limitado a munições.

Abastecimentos motorizados têm evidentemente de ser escoltados. Na generalidade pode-se dizer que a direção teórica de pequenas guerras é uma arte simples de guerra. Necessita porém de tropas diferentes em apetrechamento e armamento, do que aquelas usadas em combates vulgares, tropas que são, sob todos os aspectos, superiores ao inimigo.

Hoje opõem-se no norte de África a talvez 15.000 revoltosos, 350 mil soldados, dos quais possivelmente a maior parte nem chegará a estar sob o fogo, e apesar disso a sua falta tornaria o problema de difícil resolução. O material mecanizado (carro) que foi enviado nas suas Divisões para o norte de África, deveria ter sido deixado em França, visto

que se tornaria desnecessário no norte de África. As tropas, acostumadas a andar de “jeep”, deveriam de novo aprender a marchar. Hoje parece que foi esquecido, que uma tropa acostumada a percorrer grandes extensões a pé, facilmente se conseguirá transportar por rodas, enquanto que se torna difícil assegurar o contrário. De entre as quatro fórmulas de guerra analisadas até agora, a pequena guerra é aquela em que as máquinas substituem o Homem com menor rendimento. Trata-se de lutas que arrasam os nervos e para cujo êxito total utilizamos uma série de ações, que só muito lentamente vão formando um todo observável. É uma luta que facilmente esgota a moral das tropas, apesar das perdas insignificantes. É uma guerra cujas consequências morais e políticas serão tanto mais importantes para a Pátria, visto a opinião pública nem sequer sentir que se encontra em guerra — numa guerra que se se perder —, e talvez se fôr ganha, trará consequências económicas catastróficas.

## 2 — Guerra com pequenos Estados ultramarinos:

Nas categorias de guerras analisadas pertenciam, também, operações militares que se podem efetuar contra pequenos Estados ultramarinos, que possuem exclusivamente pequeno número de tropas de combate regulares. A eliminação destas unidades devia ser também um fim da guerra, para impedir que as lutas degenerem em pequenas guerras. Que a luta contra pequenas tropas regulares, implique a entrada em ação de material moderno, isso é evidente. Porém, também aqui variam as necessidades em comparação com as do teatro de guerra europeu. As áreas, nas quais as unidades devem operar, são normalmente bastante maiores. A formação de frentes passageiras pertence às exceções.

É importante observar, que uma potência ocidental, normalmente em tais guerras, pode contar com a superioridade material, principalmen-

te nos pontos em que é possível um bloqueio marítimo ou auxílio estrangeiro. De resto, tal auxílio só excepcionalmente poderia possuir a envergadura necessária, e as suas possibilidades práticas teriam por isso limites, porque o adversário quase não dispõe de tempo para adaptar os seus homens, cujas aptidões são geralmente muito pequenas, ao material moderno para equipar convenientemente e eficazmente as novas unidades. Instrutores estrangeiros não poderiam, devido a dificuldades de língua, costumes, etc., resolver satisfatoriamente o problema. Há, no entanto, a exceção do envio de armas ligeiras necessárias para pequenas guerras, tal como aviões pilotados por estrangeiros.

Seja como fôr, o que é certo é que geralmente as potências ocidentais contam com a supremacia aérea, o que influi naturalmente na direção, articulação, equipamento e entrada em ação das tropas terrestres. Na luta contra as tropas regulares inimigas tem grande significação as tropas mecanizadas, porém atuam em unidades mais pequenas que Divisões blindadas e usam carros ligeiros. E como o inimigo só dispõe, na maior parte das vezes, de um pequeno número de blindados, pode ser diminuído o número do material contra-blindados.

Pelo mesmo motivo, em guerras deste gênero, usam determinadas unidades menos Artilharia do que normalmente na Europa. Os ataques podem-se exercer por meio de bombardeamentos aéreos, o que se torna tanto mais simples, por não possuir o inimigo forças aéreas para se lhes opôr nem defesa aérea suficiente. Isto permite logicamente diminuir também a defesa aérea que pertenceria à unidade.

Nestas circunstâncias os abastecimentos das tropas podem facilmente ser feitos por via aérea. Por outro lado podem, nestas circunstâncias, ter significado especial as operações de terra-ar, devido às grandes distâncias a percorrer. Aqui podem estas de novo, como na última guerra, atuar em conjunto com as unidades mecanizadas.

Especialmente significativo seria a ocupação, relâmpago, dos pontos de apoio da aviação inimiga, para conseguir evitar que a defesa aérea oposta fôsse reforçada.

Repetimos, de novo, que o primeiro e mais importante fim em vista continua a ser a eliminação das forças de combate inimigas, ao mesmo tempo, porém, devemos evitar que essas lutas se transformem numa pequena guerra.

Para isso devemos possuir unidades de Infantaria ligeira em número suficiente, que tal como no combate das insurreições, atuem conjuntamente com Comandos de choque motorizados.

Ainda durante as operações, contra as tropas regulares, deve-se ocupar com densidade suficiente o terreno conquistado.

E por último ainda uma advertência importante:

Mal fará qualquer potência que se entregue confiantemente ao seu material moderno, confiada nas tropas regulares insignificantes do adversário. Possivelmente ganharão, com facilidade, os combates travados contra as forças regulares desse inimigo. O que porém certamente não conseguirão, será evitar uma pequena guerra, que apesar de tôdas as vitórias lhes poderá causar anos de dissabores. Também aqui em tais guerras — será uma Infantaria suficientemente forte — a pedra de toque do triunfo.

#### *Apreciação de conjunto às idéias expostas*

A nossa, talvez demasiadamente verbosa, análise dos 4 métodos de direções de futuras guerras, assemelha-se aos métodos de certos matemáticos, que enchem três ardósias, para finalmente concluir num canto do quadro com uma simples fórmula, que por outro processo se não poderia compreender nem demonstrar. Também aqui podemos reduzir a uma fórmula os pontos mais importantes focados:

1 — As quatro artes de combate mencionadas impõem para as tropas de futuro uma tal diversidade de

equipamentos, estruturas, entradas em ação e abastecimentos que não é simples a aplicação de um denominador comum.

2 — Só no caso de uma guerra atômica total seria forçoso, sem dúvida, pôr em combate as armas atômicas pesadas e ligeiras, o que aliás, pelo que se disse, não tem a mais pequena possibilidade de se realizar. A empregar êste meio de defesa, ou ter-se-ia de levar ao fim essa guerra devastadora ou ter-se-ia de desistir de qualquer outra forma de guerra. O preparar a tropa só nesta hipótese induziria ao emprêgo do material atômico, apesar do grande perigo que isso pudesse representar.

3 — Tropas tradicionais, tais como as de 1939-1945, seriam, por outro lado, totalmente improdutivas num campo de batalha em que defrontassem armas atômicas táticas (ou contra o interior, também operativo).

4 — A média dêstes dois extremos dá-nos o sistema (Caso B), que por um lado se apoia em unidades mecanizadas e por outro lado se auxilia de uma Infantaria de equipamentos ligeiros. Êste processo afigura-se-nos o mais justificável perante os quatro casos, já pelo seu aspecto tático e técnico, como pela sua economia.

Praticamente isto significa que :

a) No caso de uma guerra atômica total, em que fundamentalmente vamos usar a aviação, só seriam empregadas na frente as tropas mecanizadas, reservando-se as outras no interior para "ordenação e salvamento".

b) Foi analisado, no caso B, o comportamento estrutural desta defesa, no caso do campo de batalha ser sujeito a táticas determinadas por armas atômicas. Num teatro de guerra europeu, teriam de se contar para cada duas Divisões de Infantaria uma Brigada mecanizada.

c) Tal estrutura seria também utilizável no caso C. Podíamos reunir três Brigadas mecanizadas numa Divisão de blindados conjuntamente com a Artilharia tradicional, completando as divisões de Infantaria

com os seus efetivos de Artilharia. Não será certamente uma solução prática, porém será sempre melhor do que se prepararmos qualquer tropa para uma única possibilidade de guerra.

d) Uma tropa assim formada, possui Infantaria suficiente para eventualmente tomar parte em pequenas guerras, e ao mesmo tempo possui unidades mecanizadas que são especialmente para guerras locais.

Ainda uma pergunta, que tem pelo menos que ter um esboço de resposta. é a que diz respeito ao problema do Recrutamento.

Notemos em primeiro lugar que são desvantajosas tropas profissionais. Evidentemente que devido ao maior tempo de instrução possuem uma melhor especialização. Porém, os homens que servem às fileiras acabam por se casar, depois de alguns anos, e dão aos seus afazeres profissionais um aspecto de vida em família, baixando rapidamente as suas qualidades de bom soldado. Há a acrescentar que quando soldados de profissão se desempenham aplicadamente das suas funções, tal como qualquer outro, como é evidente, possuem aspirações — o que é de louvar. O mal dêste caso é o fato de só poucos quererem representar o simples papel de soldado raso. Um dos problemas difíceis é o da resolução da reforma para tal tropa. Pode-se afirmar que, na generalidade, a tropa profissional é a forma ideal de tropas para países com interesses no além-mar; era pouco econômico, por exemplo, enviar um homem com 18 meses de instrução para a Malásia, para pouco depois o reenviar para a Pátria.

Por todos estes motivos parecidos, em última análise, ser o serviço militar obrigatório para tropas continentais a melhor solução, sendo o número de soldados profissionais 1/3 do total. Em tais tropas possuímos sempre 2/3 do pessoal em plena juventude. No que respeita ao tempo militar obrigatório, parece que hoje nos esquecemos que há uma diferença fundamental

entre habilitações literárias e Educação Militar. Educação é conseguir ensinar ao soldado o que lhe exigimos em deveres morais e espirituais, dando-lhes a compreensão de uma obediência absoluta, o que não será possível em menos de 18 meses. Guardemo-nos por isso de nos cercarmos de burgueses uniformizados, o que a experiência, infelizmente, contradiz. Os péritos afirmam que 95 % das unidades não são formadas por intelectuais, mas por pessoas absolutamente simples desacostumadas a pensar por si e cuja cultura é insuficiente, para poderem pensar com realidade. Poder-se-ia adaptar a estrutura psicológica duma tropa a uma minoria intelectual de 5 % ?

Também a tropa miliciana apresenta defeitos que se fundamentam no seguinte : os oficiais subalternos, apesar de todos os esforços, não estão ainda suficientemente treinados, enquanto que aos oficiais de postos mais altos lhes falta a experiência no serviço. Quando vemos agora na Alemanha que um soldado tão brilhante como o General Von Seeckt começou numa milícia, esquecemo-nos invariavelmente que nesses tem-

pos a política era totalmente diferente.

Um outro problema, que também influencia grandemente a tropa, são os processos empregados na mobilização. É função evidente da situação geo-estratégica do País. Este motivo era suficiente para se não poderem criar tropas da mesma espécie, copiando simplesmente os processos alheios. Também é verdade que é mais simples preparar corpos de Infantaria do que mecanizados. Na posição da Alemanha atual, em que as mobilizações têm de ser executadas em algumas horas, seria naturalmente vantajosa uma milícia em que todos os homens, gradualmente, tomassem parte. Estes deveriam porém ter a escola de 18 duros meses de preparação, para serem verdadeiramente bons soldados. Na França, tapada pelo Reno, pode-se permitir o luxo de um maior tempo de mobilização, enquanto que a situação da América e da Inglaterra é ainda mais favorável.

Há uma pergunta que nos surge : até que ponto terão importância para os países europeus continentais estes princípios ?

## Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.

Agência do Rio de Janeiro

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134-C — CAIXA POSTAL, 1239  
END. TEL. "RIOINCO"

Telefone : 23-5928 — (Rêde Interna)

Gerência : 43-1112 — Diretoria : 23-0556

RIO DE JANEIRO

ABRA UMA CONTA NO "INCO" E PAGUE COM CHEQUE

(N. 6)